

**BANCO DE DADOS****Pesquisa cataloga cheiros e aromas da Amazônia**

Ocupando a área de nove países da América do Sul, representando um terço das reservas mundiais de florestas latifoliadas e abrigando o mais rico e heterogêneo ecossistema existente no mundo, a Amazônia protagoniza uma série de discussões sobre a melhor forma de uso de sua complexa biodiversidade. José Guilherme Maia e Eloísa Helena Andrade, químicos da Universidade Federal do Pará, desenvolveram um banco de dados com 1250 espécimes aromáticas da Amazônia, pertencentes a 500 espécies. O trabalho, publicado na *Química Nova* (Vol.32, n.3, 2009), reuniu informações de pesquisas realizadas com plantas aromáticas durante 30 anos. “Os recursos naturais aromáticos da Amazônia são considerados uma fonte renovável apropriada para a produção de óleos essenciais e aromas, assim como uma fonte econômica alternativa de desenvolvimento sustentável com reais possibilidades de gerar riquezas para a região”, defendem os autores.

O banco de dados fornece informações de quatro tipos: a) informações gerais (nome científico, família, distribuição geográfica, habitat, nomes populares e fotografia da planta); b) características e aspectos (dados botânicos, agrônômicos,

ambientais e econômicos da planta); c) usos populares e referências (aplicações populares baseadas em pesquisa etnobotânica e dados da literatura científica); d) amostras e produtos (com informações sobre amostra das plantas, locais das coleções, existência de óleo ou aroma, composição química e cromatogramas).

A motivação para esse estudo, iniciada em 1980 no Instituto Nacional de Pesquisa da Amazônia (Inpa), em Manaus, foi, segundo Maia e Andrade, a ausência de conhecimento científico e tecnológico sobre plantas com potenciais econômicos na extensa área da região amazônica. Nas últimas oito décadas, apenas os óleos essenciais de pau-rosa (*Aniba rosaeodora* Ducke e *Aniba duckei* Kosterm.), copaíba (*Copaifera spp*) e cumaru (*Dipteryx odorata* Willd.) eram explorados comercialmente na região. Hoje, algumas poucas empresas regionais já usam extratos ou produzem perfumes e colônias de outras espécies, e duas empresas nacionais e uma internacional comercializam produtos baseados na exploração comercial de plantas da região. Mas o cultivo de espécies aromáticas ainda não é bem sucedido, informam os especialistas da UFPA, provavelmente em função do grande volume de chuvas na região. O processo de exploração dessas plantas ainda é, em sua maioria, extrativista e em pequena escala. Para uma região com uma flora rica e com tantas oportunidades econômicas, os autores afirmam

ser importante que o cultivo sistemático de plantas aromáticas possa ser realizado regularmente. “Grandes empresas internacionais na área de perfumaria e cosméticos, como a Firmenich, Givaudan, IFF e Dragoco, mostram grande interesse em comprar óleos essenciais produzidos localmente, mas sem a intenção de investir na produção desses óleos”, enfatizam. Para os autores um dos motivos que levam à necessidade de catalogação das espécies aromáticas da região amazônica é a alta taxa de extinção das espécies em regiões de pressão ambiental. Dessa forma, além de fornecer dados científicos, o banco de dados poderá servir de suporte para medidas governamentais voltadas para a proteção de áreas de maior ocorrência dessas plantas, gerando perspectivas reais de geração de riqueza e de desenvolvimento sustentável para a região.

Ana Paula Morales

Sergio Cristancho



Amazônia abriga espécies aromáticas com potencial econômico